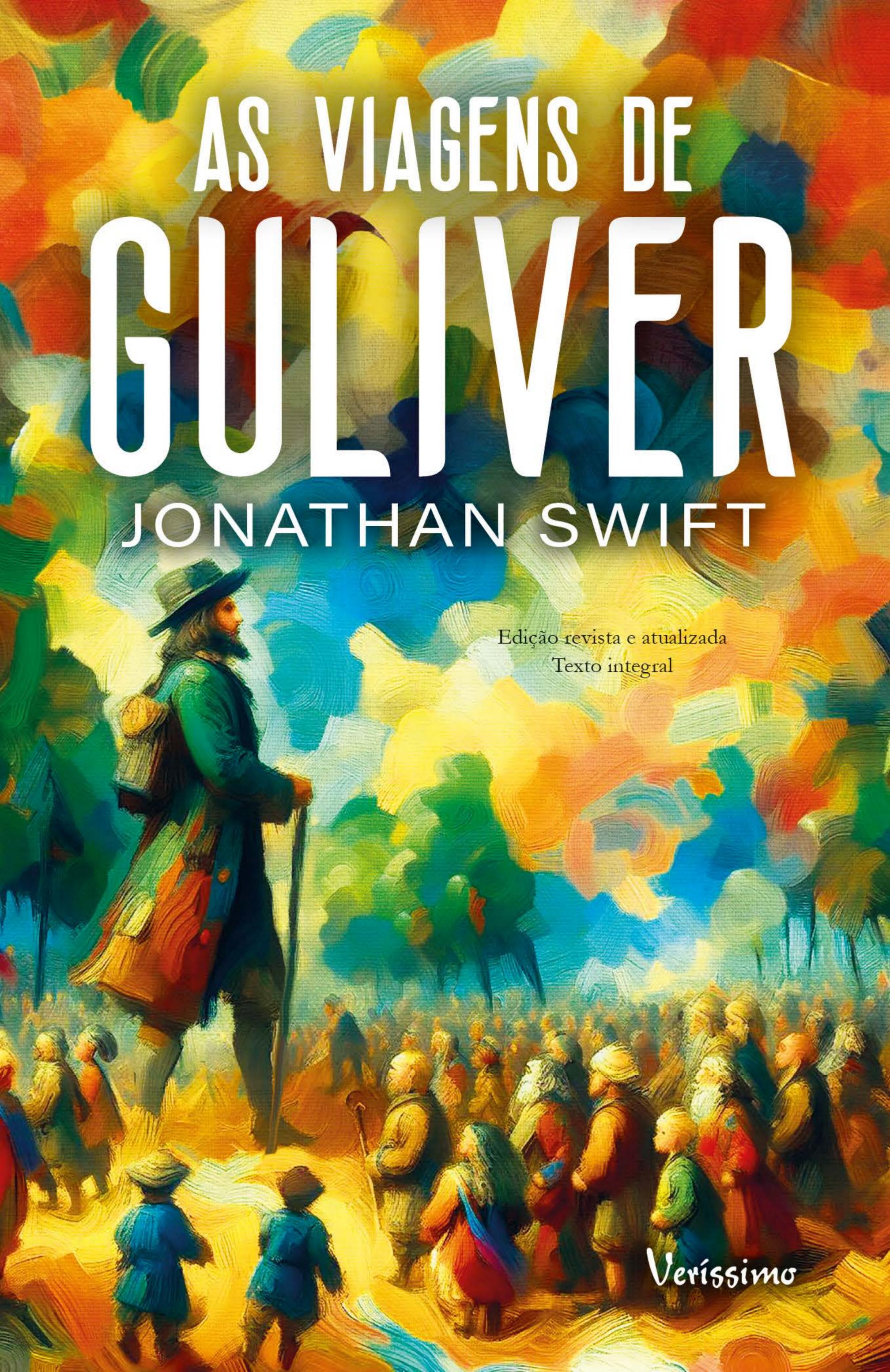


# AS VIAGENS DE GULLIVER

JONATHAN SWIFT

Edição revista e atualizada  
Texto integral

Veríssimo



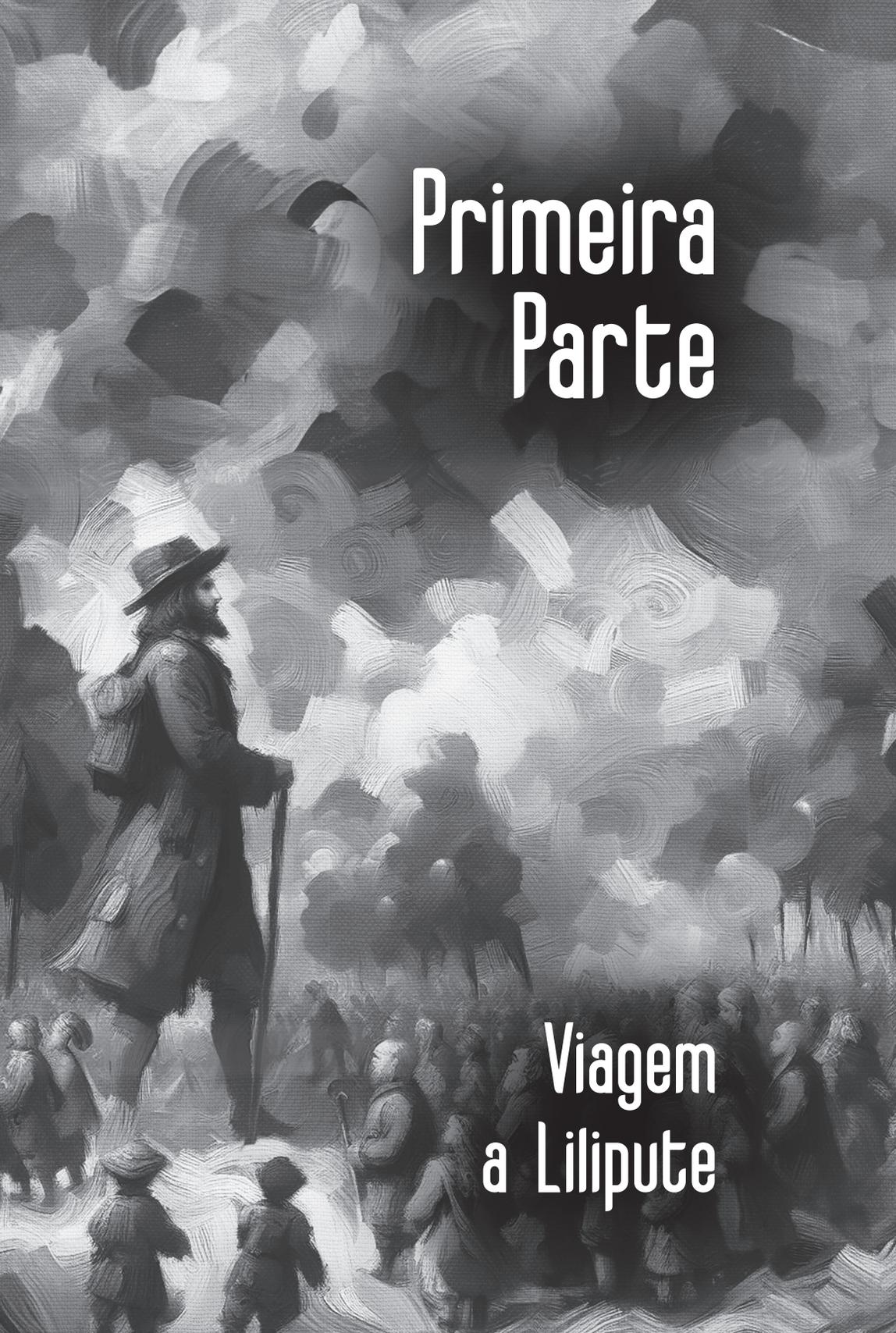
JONATHAN SWIFT

AS VIAGENS DE  
GULIVER

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO:  
Cruz Teixeira

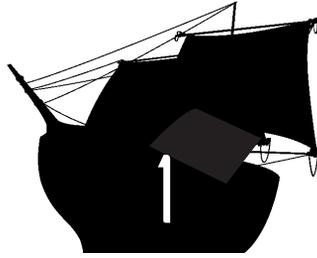
VERSÃO ATUALIZADA

*Veríssimo*



# Primeira Parte

Viagem  
a Lilipute



Meu pai tinha uma pequena propriedade na província de Nottingham; de cinco filhos, eu era o terceiro. Quando fiz quatorze anos, ele me mandou para o colégio Emanuel, em Cambridge, onde fiquei por três anos, e me dediquei aos estudos. Porém, como os estudos eram muito caros, precisei trabalhar como aprendiz na casa do senhor James Bates, um famoso cirurgião de Londres, onde fiquei até os vinte e um anos. Meu pai, ocasionalmente, me enviava um pouco de dinheiro, que investi em cursos de navegação e outros ramos da matemática aos que desejam viajar pelo mar, pois acreditava que esse seria o meu futuro.

Deixando a companhia do senhor Bates, voltei à casa de meu pai e, com auxílio dele, do meu tio John e de outros parentes, consegui quarenta libras por ano para me manter em Leyde, onde estudei medicina durante dois anos e sete meses, convencido de que tal estudo, algum dia, seria útil nas minhas viagens.

Pouco tempo depois de retornar de Leyde, pela boa recomendação do meu excelente professor, o senhor Bates, consegui o emprego de cirurgião no navio *Andorinha*, no qual embarquei por três anos e meio, sob as ordens do comandante Abraham Panell. Nesse meio-tempo, viajei pelo Levante e proximidades.

Quando voltei, resolvi morar em Londres, incentivado pelo senhor Bates, que me recomendou aos seus clientes. Aluguei um apartamento no bairro Old Jewry e depois me casei com Mary Burton, segunda filha de Edmund Burton, negociante da rua de Newgate, que me trouxe quatrocentas libras de dote.

Mas, depois de dois anos, o meu querido professor, o senhor Bates, faleceu e, com a falta do meu protetor, a minha clientela começou a diminuir. Por essa razão, consultando minha esposa e algumas pessoas próximas, resolvi fazer uma nova viagem pelo mar.

Então, fui cirurgião em dois navios, e as diversas viagens que fiz durante seis anos às Índias Orientais e Ocidentais aumentaram um pouco a minha fortuna.

Investi meu tempo livre em ler os melhores autores antigos e modernos, levando sempre comigo um certo número de livros e, quando desembarcava, ficava entretido observando os costumes do povo e aprendendo a sua língua; algo que tinha facilidade, em razão de minha boa memória.

Tendo sido um pouco infeliz em uma das minhas últimas viagens, me cansei do mar e decidi ficar em casa com minha esposa e filhos. Me mudei da casa de Old Jewry para outra em Fetter Lane e, de lá, para Wapping, na esperança de atender os marinheiros, mas isso não aconteceu.

Depois de esperar por três anos que os negócios melhorassem, aceitei uma ótima oferta do capitão William Prichard, que iria partir no *Antilope*, em viagem para o mar do Sul. Em 4 de maio de 1699, embarcamos em Bristol, e a nossa viagem foi, a princípio, muito bem-sucedida.

Não vou entediar o leitor com os detalhes das nossas aventuras por esses mares; basta dizer que, ao passarmos pelas Índias Orientais, fomos atingidos por um temporal tão violento que nos lançou para o noroeste da terra de Van Diemen. Notei que estávamos a trinta graus e dois minutos de latitude meridional. Em 5 de novembro, no começo do verão naqueles países, o tempo estava um pouco escuro, e os marinheiros avistaram uma rocha, afastada do navio apenas pelo comprimento de um cabo; o vento estava tão forte que fomos lançados diretamente contra ela. Eu e mais cinco companheiros saltamos para um bote e conseguimos nos livrar do navio e do rochedo. Assim, navegamos por quatorze quilômetros, até que o cansaço não nos deixou mais remar; completamente exaustos, deixamos as ondas nos levarem e depois de um tempo uma tempestade virou o bote.

Não sei o que aconteceu com meus companheiros, se conseguiram se salvar na costa marítima ou se ficaram no navio. Quanto a mim, nadei por acaso e fui levado para terra pelo vento e pela maré. De vez em quando, estendia as pernas para tentar encontrar o fundo; por fim, estando quase exausto, encontrei. Então, o temporal acalmou. Como a encosta era pequena, caminhei perto do mar antes que pusesse pé em terra firme.

Andei um tempo sem avistar casas ou vestígios de habitantes, embora esse local fosse muito povoado. O cansaço e o calor tinham me dado sono. Me deitei sobre a grama, que era de uma extrema finura, e pouco tempo depois caí em sono profundo. Dormi por nove horas seguidas. Então, acordei, tentei me levantar, mas não consegui. Deitado de costas, percebi que meus braços e pernas estavam presos ao chão, assim como meu cabelo. Senti que

vários cordões muito finos rodeavam o meu corpo, das axilas às coxas. Só podia olhar para cima; o sol começava a aquecer e a sua forte claridade machucou meus olhos. Ouvei um confuso rumor ao meu redor, mas na posição em que me encontrava, não conseguia olhar para os lados.

Logo, senti alguma coisa se movendo sobre minha perna esquerda e avançar suavemente sobre meu peito e quase subir no meu queixo. Fiquei espantado quando enxerguei uma figurinha humana que teria um pouco mais de quinze centímetros, empunhando um arco e uma flecha e com uma aljava às costas. Ao mesmo tempo, vi mais umas quarenta pessoas iguais. De repente comecei a soltar gritos tão altos que todos fugiram aterrorizados; mais tarde soube que alguns caíram de cima do meu corpo e ficaram feridos. Apesar disso, voltaram pouco tempo depois, e um deles teve a ousadia de chegar tão perto que viu o meu rosto, levantou as mãos e os olhos com ar de admiração e, por fim, com a voz aguda, mas nítida, exclamou: *Hekinab Degul*, palavras que os outros repetiram muitas vezes, mas que não consegui entender.

Entretanto, me mantive admirado, inquieto e perturbado. O leitor, se colocando no meu lugar, verá que era de fato uma situação complicada.

Com a intenção de me libertar, tive a sorte de arrancar do chão as estacas que prendiam meu braço direito à terra e, me levantando um pouco, analisei a forma como tinham me mantido preso. Ao mesmo tempo, com um forte puxão, o que me causou dor, afrouxei um pouco os cordões que prendiam os fios de meu cabelo do lado direito.

Aquelas criaturas começaram a fugir, soltando gritos. Assim que os gritos cessaram, ouvi um deles exclamar: *Tolgo phonac!* e, em seguida, atingiram mais de cem flechas em minha mão, que me faziam cócegas. Depois atiraram uma nova saraivada para o ar; ainda que não as visse, algumas flechas caíram sobre o meu corpo e rosto, no qual eu tentava cobrir com a mão direita. Assim que terminou aquela chuva de flechas, novamente tentei me libertar; mas escutei uma outra saraivada, maior do que a primeira, enquanto outros tentavam me ferir com lanças; por sorte, eu vestia uma roupa impenetrável. Pensei que o melhor seria me manter quieto e naquela posição até a noite; quando levantasse o braço esquerdo, poderia me libertar por completo e, com respeito aos habitantes, eu tinha razões para crer que teria força o suficiente para lutar contra os mais poderosos exércitos que pudessem me atacar, desde que fossem do tamanho daqueles que eu vi até então.

Quando me viram tranquilo, deixaram de atirar flechas; mas, compreendi que o número de pessoas aumentava e, do meu lado esquerdo, ouvi por mais de uma hora o ruído deles trabalhando. Por fim, voltando um pouco a cabeça para esse lado, vi uma extensão erguida a trinta e cinco centímetros do chão, onde poderiam caber quatro desses homenzinhos, e uma escada que dava acesso; um deles, que parecia ser uma pessoa de importância, veio até mim com um longo discurso, do qual não entendi uma única palavra. Antes de começar, exclamou três vezes: *Langro debil san!* Essas palavras foram, em seguida, repetidas e explicadas por meio de sinais para que eu entendesse.

Depois, cinquenta homens avançaram e cortaram os cordões que seguravam a parte esquerda da minha cabeça, o que me permitiu mover livremente para a direita e observar o rosto e o gesto daquele que falava. Ele parecia ser de meia-idade e mais alto do que os três que o acompanhavam, um deles, que tinha o aspecto de pajem, segurava a cauda da beca, enquanto os outros dois permaneciam de pé, ao lado, para o amparar. Parecia um bom orador e deduzi que misturava ameaças e promessas na sua fala. Respondi em sinais, mas de um modo submisso, erguendo a mão esquerda e direcionando para a boca, tentando explicar que eu estava faminto, pois já não comia havia algum tempo. A minha fome era tão grande que não pude deixar de demonstrar a minha impaciência, fazendo várias vezes o mesmo gesto para dar a entender que carecia de alimento.

O *burgo* (é assim que eles declaram um nobre, como soube mais tarde) me compreendeu muito bem. Desceu da extensão e deu ordem para que encostassem muitas escadas por onde subiram mais de cem homens, e se direcionavam para a minha boca, carregados de cestos cheios de carnes de diversos animais, mas não consegui identificar pelo sabor. Eram parecidas com as de carneiro, e muito bem preparadas, mas menores do que as asas de um frango; engoli em porções de duas ou três, com seis pães. Me forneceram tudo isso, com grande espanto e admiração da minha altura e do meu admirável apetite.

Fiz um outro sinal para eles entenderem que faltava a bebida, calcularam, pela maneira que eu comia, que uma pequena quantidade não me satisfaria; e, como eram um povo interessante, levantaram com muita agilidade um dos maiores barris com água que possuíam, trouxeram rolando até a minha mão e o destaparam. Bebi com grande prazer. Me trouxeram outro, da mesma forma e fiz vários sinais para que me trouxessem mais alguns.

Quando terminei de beber, soltaram gritos de alegria e começaram a dançar, repetindo muitas vezes, como a princípio tinham feito: *Hekinab degul*.

Pouco depois, ouvi uma saudação com frequentes repetições das palavras: *Peplom selan*, e percebi que do lado esquerdo muita gente estava afrouxando os cordões que me prendiam. Algum tempo antes, tinham cuidadosamente passado uma pomada de aroma agradável em meu rosto e nas mãos que, em pouquíssimo tempo, me curou de arranhões. Logo senti vontade de dormir; o sono durou oito horas seguidas.

Enquanto eu dormia, o imperador de Lilipute (o nome desse país) ordenou que me levassem aonde ele estava. Cinco mil carpinteiros e engenheiros trabalharam rapidamente para construir um veículo grande o suficiente que me coubesse. Assim que ficou pronto, o conduziram para o local em que eu estava.

A principal dificuldade estava em me levantar e me colocar naquele veículo. Para isso, apoiaram no chão oitenta varas, de sessenta centímetros de altura; na ponta de cada uma delas tinha um pequeno mecanismo por onde passavam cordas mais grossas, com ganchos que se prendiam aos cintos que os operários haviam colocado em volta do meu corpo. Novecentos homens dos mais fortes foram designados para puxar as cordas e, dessa forma, em menos de três horas, fui levantado e colocado no veículo. Fiquei sabendo tudo isso, pois me contaram, porque, enquanto faziam aquela manobra, eu dormia profundamente. Quinhentos cavalos, dos maiores que existiam, foram atrelados ao veículo e conduziram ele em direção à capital.

Já haviam se passado quatro horas de viagem quando fui acordado de repente por um acidente ridículo. Os condutores tinham parado para comer, e três habitantes do país tiveram a curiosidade de observar o meu rosto enquanto eu dormia; e, subindo com cuidado até mim, um deles, capitão dos guardas, encostou a ponta da lança no meu nariz, o que me fez cócegas. Logo, acordei e precisei espirrar três vezes. Caminhamos durante o resto do dia e acampamos à noite, os quinhentos guardas ficavam preparados com arcos e flechas para atirar, se caso eu tentasse escapar.

No dia seguinte, ao nascer do sol, continuamos a nossa rota. Chegamos ao meio-dia e paramos a duzentos metros dos portões da cidade. O imperador e toda a corte saíram para nos ver; mas os oficiais não permitiram que Sua Majestade se arriscasse subir em meu corpo, como muitos outros haviam feito.

No local em que o veículo parou, havia um antigo templo, tido como o maior de todo o império. Ficou resolvido que eu ficaria hospedado naquele edifício. A porta grande, que dava para o norte, tinha aproximadamente um metro e meio de altura e quase setenta centímetros de largura; nas laterais, havia uma pequena janela de quinze centímetros. Em frente ao templo, do outro

lado da estrada, havia uma torre que devia ter um metro de altura; era ali que o soberano subiria com muitos dos principais senhores para me ver. Acredito que mais de cem mil habitantes saíram da cidade, atraídos pela curiosidade e, apesar dos guardas, não foram menos de dez mil. Certamente eles subiriam com escadas em meu corpo, se não tivessem publicado um decreto proibindo.



Na primeira vez que o imperador veio me visitar, seu cavalo empinou, espantado ao me ver; porém, como um excelente cavaleiro, ele se firmou bem nos estribos até que a sua comitiva correu e segurou o cavalo. Sua Majestade, depois de desmontar, me analisou por todos os lados com grande admiração, contudo, por precaução, se manteve sempre fora do alcance. A imperatriz, as princesas e os príncipes, acompanhados de muitas damas, se sentaram nas cadeiras a certa distância.

O imperador era o homem mais alto de toda a corte, o que o fazia ser temido por todos. Os traços de seu rosto eram fortes; mandíbula avantajada, nariz aquilino e pele de oliva; tinha o corpo bem-feito, com membros proporcionais; tinha elegância em todos os seus movimentos. Era um homem maduro, com seus vinte e oito anos, e já reinava havia sete. Para observá-lo mais à vontade, fiquei deitado de lado, de maneira que meu rosto ficasse paralelo ao dele, enquanto ele se mantinha um pouco longe de mim. Seu traje era simples, mas usava um elmo de ouro ornado de joias. Empunhava a espada para se defender, caso eu mostrasse algum perigo. A espada devia ter quase três centímetros; o punho e a bainha eram de ouro e cobertos de diamantes. Sua voz era áspera, mas clara e distinta, e eu podia ouvi-lo muito bem. As damas e os cortesãos vinham todos bem trajados, de modo que o lugar ocupado pela corte parecia uma bela saia estendida no chão e bordada com figuras de ouro e prata.

Sua Majestade imperial teve a honra de falar comigo várias vezes: e eu sempre respondi, sem que entendêssemos um ao outro. Após duas horas, a

corte se retirou e deixou para trás uma grande quantidade de guardas para me impedir e, talvez, impedir a maldade do povo, que queria me ver de perto.

A notícia da chegada de um homem gigantesco se espalhou em todo o império e atraiu um grande número de pessoas curiosas, fazendo com que as aldeias ficassem quase vazias, e o cultivo das terras abandonado, o que seria uma enorme catástrofe para o país, se Sua Majestade imperial não tivesse providenciado certos decretos. Decretou que todos aqueles que já tinham me visto voltassem imediatamente para suas casas e não retornassem, a não ser que tivessem uma autorização especial. Essa medida gerou muitos lucros aos empregados das secretarias do Estado.

Entretanto, o imperador convocou diversas vezes o conselho para resolver o que fazer comigo. Soube mais tarde que a corte temia que eu fugisse; diziam que por ser um grande homem o meu sustento causava uma enorme despesa, e produziria escassez.

Foram designadas seiscentas pessoas para me servir, as quais ganharam tendas fartas com comida e muito confortáveis, levantadas aos lados da minha porta para residirem.

Também foi ordenado que trezentos alfaiates fizessem uma roupa à moda do país; que seis professores, dos mais notáveis do império, me ensinassem a língua e, enfim, que os cavalos do imperador e os da nobreza fizessem exercícios em minha presença, para se acostumar comigo. Todas essas ordens foram pontualmente cumpridas. Fiz grandes progressos no conhecimento da língua de Lilipute. Nesse meio-tempo, o imperador me deu a honra de visitas frequentes e também ajudou os meus professores a me instruírem.

As primeiras palavras que aprendi foram para demonstrar a ele que tinha grande vontade de que me concedesse liberdade, o que todos os dias eu insistia de joelhos. Sua resposta foi que era preciso esperar por um tempo; que era um assunto que ele não podia resolver sem ouvir a opinião do seu conselho. E que, primeiro, era necessário que eu promettesse, sob juramento, oferecer uma paz inviolável a ele e a seus súditos, mas, enquanto esperava, que eu seria tratado com toda a delicadeza possível.

Me pediu também para que eu não lhe fizesse mal se ordenasse aos oficiais que me revistassem, porque era muito natural que eu tivesse armas, que poderiam prejudicar a segurança de todos. Conforme as leis do seu país, era preciso que eu fosse revistado por dois comissários; esse ato seria feito sem meu consentimento, porém ele confiaria sem receio; explicou que tudo

o que tirassem de mim seria devolvido quando eu saísse do país ou que seria compensado conforme o valor do objeto.

Quando os dois comissários vieram me revistar, estendi a mão para que eles conseguissem subir. Coloquei-os nos bolsos do casaco e, depois, em todos os outros. Vinham com penas, tinta e papel e fizeram uma lista detalhada de tudo o que viram.

O inventário foi escrito assim:

*Em primeiro lugar, no bolso direito do casaco do grande Homem-Montanha (assim traduzi as palavras Quimbus Flestrin), apenas encontramos um pouco de tecido grosseiro, grande demais para servir de tapete na sala principal de Vossa Majestade. No bolso direito, havia uma grande máquina, armada com dentes muito compridos que pareciam a cerca que há em volta do palácio de Sua Majestade.*

*No bolsinho do lado direito, havia muitas peças de metal vermelhas e brancas, de grossuras diferentes; algumas das peças brancas, que nos pareceram ser de prata, tinham diâmetro e peso que eu e meu colega tivemos certa dificuldade em erguê-las. Havia ainda dois bolsos para revistar, que eram duas aberturas no alto, mas muito juntas de seu ventre, que as comprimia. De fora do bolsinho direito, pendia uma grande corrente de prata, uma maravilhosa peça. Pedimos que ele tirasse do bolso tudo o que estava preso à corrente e pareceu-nos ser um globo, parte de prata e parte de metal transparente. Pelo lado transparente, vimos certas figuras esquisitas traçadas em um círculo. Colocamos essa máquina perto de nossos ouvidos; fazia um ruído contínuo, semelhante ao de um moinho d'água, e supomos que, ou é qualquer animal desconhecido ou, então, a divindade que ele acredita; no entanto, nos inclinamos para esta última opinião, porque ele nos afirmou que raramente fazia qualquer coisa sem que o consultasse; no qual ele chamava de oráculo e dizia que designava o tempo para todas as ações da sua vida.*

*Do bolso esquerdo, tirou uma rede que quase podia servir para pescador, porém que se abria e fechava; encontramos dentro dela muitos metais amarelos; se são de ouro verdadeiro, devem ter incalculável valor.*

*Notamos ainda um cinto em volta de seu corpo, fabricado com a pele de algum animal prodigioso, do qual pendia, do lado direito, uma bolsa repartida em dois compartimentos, podendo cada um conter três súditos de Vossa Majestade. Em um desses compartimentos, tinha uma porção de certos grãos escuros, mas relativamente pequenos e muito leves, porque pudemos segurar na palma da mão mais de cinquenta.*

*O inventário é exato em tudo o que encontramos no corpo do Homem-Montanha, que nos recebeu magnificamente e com o respeito à Vossa Majestade.*

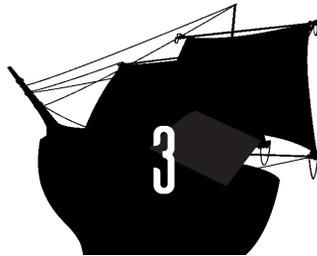
*Assinado e selado aos quatro dias da nonagésima lua do feliz império de Vossa Majestade.*

*Flessen, Frellock, Marsi*

Assim que o inventário acima foi lido na presença do imperador, ele me ordenou que lhe entregasse todas aquelas coisas uma a uma. Entreguei meu relógio, que lhe despertou grande curiosidade, e ordenou que dois dos seus maiores guardas o levassem aos ombros. Ele estava admirado com o contínuo ruído que fazia e com o movimento do ponteiro que marcava os minutos.

Depois, entreguei as moedas de cobre e de prata, a bolsa, com umas nove grandes moedas de ouro e algumas menores; o pente, o lenço e o jornal.

Numa bolsa à parte, e que não foi revistada, estavam meus óculos (que às vezes uso, por ter a vista fraca), uma luneta de bolso e outros pequenos pertences, que considereei não serem de grande importância ao imperador, por isso, não os mostrei aos comissários, temendo que os danificassem.



Um dia, o imperador quis me proporcionar uma diversão grandiosa. Nesse aspecto, aquele povo ia além de todas as outras nações que eu havia visitado, tanto na desenvoltura quanto na generosidade, mas nada me divertiu tanto como ver os dançarinos de corda fazerem acrobacias sobre um fio finíssimo.

As pessoas que executavam esse trabalho eram as que desejavam grandes empregos e se achavam dignas de se tornar as favoritas da corte; com esse intuito, se desde muito jovens se dedicavam a esses nobres exercícios. Quando um importante cargo estava vago, ou pela morte daquele que o desempenhava, ou por ter caído no desagrado do imperador (o que acontecia com frequência), cerca de seis pretendentes apresentavam um requerimento para que pudessem conseguir uma autorização, a fim de divertirem Sua

Majestade e a corte com uma dança na corda e, aquele que saltava mais alto sem cair, era quem conquistava o público.

Havia uma outra distração; mas essa era apenas para o imperador, a imperatriz e o primeiro-ministro. O imperador colocava três fios de seda em cima de uma mesa, separados uns dos outros; um carmesim; outro, amarelo; e o terceiro, branco. Os fios representavam prêmios para aqueles a quem o imperador queria distinguir com uma diferente demonstração de sua magnificência. A cerimônia era realizada no grande salão de recepção, onde os concorrentes eram obrigados a mostrar uma prova de sua agilidade; de uma forma que eu jamais vi nada semelhante em qualquer outro país.

O imperador segurava um bastão, com as duas extremidades voltadas para o horizonte, enquanto os concorrentes saltavam por cima do bastão. Algumas vezes, o imperador segurava uma ponta e o primeiro-ministro, outra; e outras vezes só o primeiro-ministro segurava.

Aquele que melhor realizasse o salto, demonstrando habilidade e leveza, era recompensado com a seda carmesim; a amarela era dada ao segundo; e a branca, ao terceiro. Esses fios, que eles usam como cintos, serviam de ornamento e os distinguiam dos demais.

Eu tinha apresentado ou enviado tantos requerimentos para a minha liberdade que, por fim, Sua Majestade expôs o assunto primeiro à mesa do desembargo e depois ao conselho do Estado, no qual houve discordância apenas por parte do ministro Skyresh Bolgolam que, sem razão alguma, se declarou contra mim; todo o resto do conselho, porém, foi favorável, e o imperador apoiou a opinião. O citado ministro, que era *galbet*, ou almirante-mor, mereceu a confiança do rei por ser habilidoso nos negócios públicos, mas era grosseiro e excêntrico. Conseguiu que os artigos referentes às condições da minha liberdade fossem redigidos por ele. Esses artigos foram trazidos pessoalmente por Skyresh Bolgolam, acompanhado de dois subsecretários e de muitas pessoas da nobreza. Precisei me comprometer a segui-los, sob juramento feito primeiro como fazemos em meu país e, em seguida, como decretada por suas leis, que consistia em segurar o meu pé direito na mão esquerda, colocar o dedo médio da mão direita no alto da cabeça e o polegar na ponta da orelha direita. O leitor pode ter curiosidade em conhecer o estilo daquela carta e saber os artigos da minha libertação, então traduzo, aqui, palavra por palavra, todo o documento:

*Golbasto Momaren Evlame Gurdilo Shefin Mully Ully Gue, poderoso imperador de Lilipute, cujos domínios abrangem cinco mil blustrugs (medida equivalente a*

vinte e nove quilômetros de circunferência) até os confins do mundo, soberano de todos os soberanos, mais alto do que os filhos dos homens, cujos pés oprimem a terra até o centro, cuja cabeça chega ao sol e cujo relance de olhos faz tremer os joelhos dos mais poderosos, carinhoso como a primavera, agradável como o verão, abundante como o outono, terrível como o inverno, a todos os nossos fiéis e amados súditos, saúde. Sua Majestade propõe ao Homem-Montanha os seguintes artigos, dos quais será obrigado a aceitar por juramento solene:

I. O Homem-Montanha não sairá dos nossos vastos domínios sem nossa permissão escrita e autenticada pelo selo de nosso imperador.

II. Não terá a liberdade de entrar na nossa capital sem nossa ordem expressa. Os habitantes devem ser avisados com duas horas de antecedência, para que permaneçam dentro de suas casas.

III. O referido Homem-Montanha limitará os seus passeios às nossas estradas principais, evitando andar ou deitar em algum campo.

IV. Passeando pelas estradas mencionadas, terá o máximo cuidado para não pisar no corpo de algum dos nossos fiéis súditos, nem nos seus cavalos ou carruagens e não agarrará nenhum dos nossos súditos sem que ele o consinta.

V. Quando for necessário enviar alguma mensagem, o Homem-Montanha é obrigado a levar no bolso o mensageiro durante seis dias, uma vez a cada lua, trazendo-o de volta, são e salvo, à nossa presença imperial, se lhe for solicitado.

VI. Será o nosso aliado contra os inimigos da ilha de Blefuscu.

VII. O Homem-Montanha prestará o seu auxílio aos nossos operários, ajudando-os a carregar grandes blocos de pedra para concluir os muros do grande parque e outras construções imperiais.

VIII. Depois de ter feito o juramento de ler estes artigos, acima decretados, o Homem-Montanha terá uma quantidade de carne todos os dias e bebida suficiente para sustento de mil e oitocentos e setenta e quatro súditos nossos.

Dado no nosso palácio em Belfaborac, aos doze dias da nonagésima primeira lua do nosso império.

Prestei o juramento e assinei todos aqueles artigos com grande alegria, embora alguns não fossem tão dignos como eu desejava. Agradei humildemente o favor que Sua Majestade havia feito, me submetendo a seus pés, mas ele mandou que eu me levantasse, da maneira mais amável possível.

O leitor pôde notar que, no último artigo da minha libertação, o imperador se comprometeu a me dar uma quantidade de carne e bebida. Algum tempo depois, perguntando a um cortesão, meu amigo particular, como

determinaram aquela quantidade de alimentos, dizendo que, os matemáticos de Sua Majestade, tomando o tamanho do meu corpo por meio de um quadrante, concluíram que eu corresponderia ao corpo deles em uma proporção de mil e oitocentos e setenta e quatro para um. Então, eu devia ter um apetite mil e oitocentas e setenta e quatro vezes maior do que o deles.

Após essa explicação, o leitor poderá avaliar o notável senso daquele povo e a economia sábia, exata e perspicaz do imperador.



O primeiro pedido que eu fiz, depois de ter alcançado a minha liberdade, foi obter permissão para visitar Mildendo, capital do império; o imperador autorizou recomendando que eu não causasse dano algum aos habitantes tampouco às moradias. O povo foi avisado, por meio de um enunciado, sobre o meu desejo de visitar a cidade.

A muralha que a rodeava tinha uma boa altura e espessura, de maneira que uma carruagem podia andar por cima e dar a volta à cidade com segurança; era cercada de fortes torres distanciadas a três metros umas das outras. Passei por cima da porta ocidental e caminhei devagar e de lado pelas duas ruas principais, vestindo apenas o colete, receando que as abas do casaco fizessem algum estrago nos telhados e beirais das casas. Andava com o máximo cuidado para não pisar nas pessoas que estavam pelas ruas, apesar das ordens feitas pelo imperador para que todo mundo ficasse em casa enquanto eu passava pela cidade. Os balcões, as janelas dos primeiros, segundos e terceiros andares e os telhados estavam repletos de espectadores, então pude ver como a população era enorme. A cidade formava uma espécie de quadrilátero, tendo cada lance de muralha um pouco mais de cento e cinquenta metros de comprimento. A cidade poderia comportar quinhentas mil pessoas. As casas tinham três ou quatro andares. As lojas e os mercados eram bem sortidos. Antigamente, havia boa ópera e

excelente comédia; porém, a generosidade do imperador não abrangia os atores, tudo isso acabou decaindo.

O palácio do imperador era localizado no centro da cidade, onde as duas principais ruas se encontravam. Sua Majestade me deu permissão para atravessar com uma pernada aquela muralha, a fim de ver o seu palácio por todos os lados. O pátio exterior era um quadrado de doze metros e compreendia dois outros pátios centrais.

Na habitação interior ficavam os aposentos de Sua Majestade, que eu tinha grande desejo de ver. Isso era uma tarefa difícil, já que as portas maiores tinham apenas quarenta e cinco centímetros de altura por dezessete de largura. No entanto, as construções da residência exterior elevavam-se a poucos metros do terreno, o que tornava impossível passar por cima delas sem o risco de quebrar os telhados, embora os muros fossem construídos com rigidez. Mas, o imperador gostaria que eu visse a grandiosidade do seu palácio. Porém, só depois de três dias que eu pude me encontrar com ele, pois eu tinha cortado com o meu canivete algumas das maiores árvores do parque imperial, para fazer duas banquetas fortes que pudessem aguentar o peso do meu corpo.

Com a população prevenida, tornei a atravessar a cidade e me dirigi ao palácio, levando as banquetas nas mãos. Quando cheguei a um dos lados da residência exterior, subi em cima de uma banqueta e segurei a outra. Passei uma por cima dos telhados e coloquei ela delicadamente no chão, no espaço que havia entre a primeira e a segunda habitação. Em seguida, passei facilmente por cima das construções, utilizando as banquetas e, quando me estava do lado de dentro, tirei com um gancho a outra que ficara do lado oposto. Desse modo, consegui chegar até a residência interior, onde, deitado de lado, olhei por todas as janelas do primeiro andar, que tinham deixado abertas propositalmente, e vi os mais magníficos aposentos que poderia imaginar. Vi também a imperatriz e as jovens princesas nos seus quartos, rodeadas da sua comitiva. Sua Alteza imperial começou a sorrir graciosamente para mim e, pela janela, estendeu a mão para eu beijar.

Quinze dias depois de ter recuperado a liberdade, recebi a visita de Reldresal, secretário de Estado encarregado das missões particulares, que veio acompanhado apenas de um criado. Deu ordem para que a carruagem o esperasse a certa distância e me pediu uma hora para conversarmos. Sugeriu-me deitar no chão para que ele pudesse ficar à altura dos meus ouvidos; ele, porém, preferiu que o colocasse na palma da mão durante a conversa. Começou

por me felicitar pela minha liberdade, dizendo que estava se gabando por ter contribuído com o resultado. Em seguida acrescentou que, se não fosse o interesse que a corte tomara, não seria possível me libertar, prosseguindo:

— Embora o nosso Estado pareça favorável aos olhos do estrangeiro, o que é certo é que temos dois grandes problemas para tratar: de dentro, uma poderosa facção; de fora, a invasão, na qual estamos sendo ameaçados por um terrível inimigo. Com respeito ao primeiro, preciso é que saiba que há setenta luas existem dois partidos contrários neste império, sob os nomes de Tramecksan e Slamecksan, os quais se diferenciam por seus sapatos de salto alto e baixo. É fato que os saltos altos são mais conformes à nossa antiga constituição; apesar disso, Sua Majestade resolveu se servir apenas dos saltos baixos na administração do governo e em todos os cargos que dependem da coroa. É possível verificar que os saltos de Sua Majestade imperial são, pelo menos, um *drurr* mais baixos do que os de qualquer outra pessoa da corte (o *drurr* é aproximadamente dois centímetros e meio). O ódio dos dois partidos — continuou Reldresal — está em tal grau que não comem, não bebem juntos, nem se falam. Temos quase a certeza de que os Tramecksans, ou saltos altos, estão em maior número do que nós; a autoridade, porém, está nas nossas mãos. Contudo, temos a suspeita de que Sua Alteza Imperial, o herdeiro da coroa, tem alguma inclinação para os saltos altos; pelo menos tivemos ocasião de ver que um dos saltos é mais alto do que outro, o que faz ele mancar um pouco. Ora, no meio destas disputas internas, estamos ameaçados de uma invasão pelo lado da ilha de Blefuscu, que é outro grande império do Universo, quase tão grande e tão poderoso como este, porque, segundo dizem, há outros impérios, reinos e Estados no mundo, habitados por criaturas humanas tão grandes e tão altas como você; os nossos filósofos, porém, têm suas dúvidas e preferem acreditar que você caiu da lua ou de alguma estrela, porque é notável que meia dúzia de mortais do seu tamanho consumiria em pouco tempo toda a fruta e todo o gado dos Estados de Sua Majestade imperial. Além disso, há seis mil luas, os nossos historiógrafos não fazem referência a outras regiões a não ser aos dois grandes impérios de Lilipute e de Blefuscu. Essas duas poderosas potências têm andado empenhadas, durante trinta e seis luas, numa guerra motivada pelo seguinte: todo mundo concorda que a maneira certa de partir os ovos antes de serem comidos é bater com a parte pontuda na borda de um prato ou de um copo; mas o avô de Sua

Majestade imperial, quando criança, foi comer um ovo e teve a infelicidade de cortar um dedo, quebrando o ovo com a ponta mais grossa, o que deu motivo para o imperador, seu pai, publicar um decreto que ordenava aos seus súditos, sob graves punições, que partissem os ovos pelo lado mais pontudo. Esse decreto irritou tanto o povo, que se juntou e provocou seis confrontos, e, em um deles, o imperador perdeu a coroa. Esses impactos internos tiveram motivação dos soberanos de Blefuscu e, quando os protestos foram proibidos, os culpados se refugiaram naquele império. Pelas estatísticas, onze mil homens, em diversas épocas, preferiram morrer do que se submeter ao decreto de partir os ovos pela parte pontuda. Foram escritos e publicados centenas de livros volumosos referentes a esse assunto; mas os livros que defendiam o modo de partir os ovos pela ponta mais grossa foram há muito tempo proibidos. Durante esses conflitos, os imperadores de Blefuscu, por meio de seus embaixadores, nos acusaram de praticar um crime, que violava uma regra fundamental do nosso grande profeta Lustrog, no quinquagésimo quarto capítulo de Blundecral (que é o livro sagrado deles), sendo considerado como uma simples interpretação de texto, e os termos eram: todos os fiéis quebrarão os ovos pela parte pontuda. Na minha opinião, cada um deveria escolher por qual lado quebrar um ovo ou, no mínimo, deixar que as autoridades decidissem. Entretanto, os que concordavam com a opção da ponta mais grossa foram expulsos do país, e receberam o apoio do imperador de Blefuscu, e entre os dois impérios uma guerra surgiu, com prejuízo para ambas as partes. Perdemos quarenta navios com trinta mil dos nossos mais valentes marinheiros e soldados; e não foi diferente para o nosso inimigo. Seja como for, o império de Blefuscu preparou uma temível esquadra, para realizar um desembarque nas margens do nosso império. Nesse momento, Sua Majestade imperial, tendo confiança na sua coragem, e sabendo da sua força, pediu para que eu detalhasse a você todos esses assuntos, a fim de saber quais são os seus posicionamentos a respeito deles.

Respondi ao secretário que eu não queria ficar entre estas disputas, mas dei a entender que estava disposto a sacrificar a vida para defender o seu império contra todas as invasões dos seus inimigos. Então ele se despediu, muito satisfeito com a minha resposta.